



PAUL WASHER



MEIOS
Essenciais
DA GRAÇA





Copyright © 2020, Paul Washer

Publicado originalmente sob o título:

The Essential Means of Grace

Translated and printed by permission, published by arrangement with Reformation Heritage Books. All rights reserved.

1ª edição 2021

ISBN: 978-65-89129-02-8

Tradução: Ulisses Teles

Revisão: Cesare Turazzi

Capa: Bárbara Lima Vasconcelos

Diagramação: Marcos Jundurian

Versão eBook: Tiago Dias

PIRATARIA É PECADO E TAMBÉM UM CRIME

RESPEITE O DIREITO AUTORAL

O uso e a distribuição de livros digitais piratas ou cópias não autorizadas prejudicam o financiamento da produção de novas obras como esta.

Respeite o trabalho de ministérios como a Editora Trinitas.

W315m

Washer, Paul, 1961-

Meios essenciais de graça / Paul Washer ; [tradução: Ulisses Teles]. – São Paulo: Trinitas, 2021.

89 p. ; 21cm

Tradução de: *The essential means of grace*.

Inclui referências bibliográficas.

ISBN 978-65-89129-02-8

1. Graça – Teologia. 2. Crescimento espiritual. I. Título.

CDD: 234

Catálogo na publicação: Mariana C. de Melo Pedrosa – CRB07/6477

Todos os direitos reservados à:



Editora Trinitas LTDA
São Paulo, SP
www.editoratrinitas.com.br

SUMÁRIO

1. [OS MEIOS DE GRAÇA](#)
 2. [AS ESCRITURAS](#)
 3. [ORAÇÃO](#)
 4. [ARREPENDIMENTO E CONFISSÃO DE PECADOS](#)
 5. [A IGREJA](#)
 6. [EM DEFESA DA SIMPLICIDADE](#)
- [NOTAS](#)

1

OS MEIOS DE GRAÇA

Você lamenta por sua falta de crescimento espiritual? Você deseja ser mais conformato à imagem de Cristo? Se a sua resposta for sim, então esta breve obra é para você. O leitor, no entanto, já precisa saber que não encontrará nas páginas a seguir uma resposta fácil para consertar sua vida espiritual, nem descobrirá nada novo. Neste livro, você encontrará apenas um antigo remédio para um problema antigo. Nas páginas desta obra, ofereço um remédio difícil, um remédio que a maioria prefere evitar e trocar por um elixir agradável. Porém, se você já está cansado de tanto ficar doente, se já vagueou por tempo demais por vales e montanhas, então esta pequena obra pode lhe prestar socorro — isto é, alguns meios de crescer para além de onde você ainda se encontra!

Há uma expressão teológica em latim muito importante que todo cristão, de todas as línguas deveria aprender a aplicar e exercitar. A expressão é *media gratiae*, cuja tradução para o português é *meios de graça*. Durante séculos, a igreja tem empregado esta pequena expressão para descrever os meios ou dons que o Senhor Jesus Cristo deu à igreja para a santificação progressiva ou crescimento em santidade.

Os mais importantes e mais essenciais desses meios são o estudo das Escrituras, a devoção à oração e a participação na vida e no ministério da igreja local. Esses meios não são *obras* que devem ser realizadas para que o crente ganhe ou mereça a salvação, mas são dons de Deus pelos quais o cristão pode crescer na salvação recebida somente pela graça mediante a fé somente em Jesus Cristo. Como o apóstolo Paulo escreveu, “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.8–9).

As Escrituras provam continuamente que a salvação é *monergista* — isto é, a obra de um só. Deus é o autor e o agente de nossa salvação, e nós

somos os objetos de sua obra salvadora. No entanto, com igual ênfase, as Escrituras também ensinam que o nosso crescimento em santificação é *sinergista* — isto é, a obra em conjunto de dois ou mais. Essas verdades são maravilhosamente ilustradas na admoestação de Paulo à igreja de Filipos: “Assim, pois, amados meus, como sempre obedecestes, não só na minha presença, porém, muito mais agora, na minha ausência, desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2.12–13).

Perceba o perfeito equilíbrio. Visto que é Deus quem opera em nós tanto o querer como o realizar segundo a sua boa vontade, devemos desenvolver a nossa salvação com temor e tremor — isto é, com a maior reverência a Deus e a mais profunda solenidade diante do dever de santificar-se. Não há espaço no cristianismo bíblico para a apatia, nem para a indisciplina, nem para pensamentos como “Deus está no controle, então não precisamos fazer nada”.

Para entender melhor o que significa a expressão *media gratiae*, é útil acrescentar o adjetivo latino *ordinarius*, ou comum, ordinário. A expressão *media gratiae* refere-se aos meios de graça comuns, ou o ato de Deus decretar a forma ordinária como os cristãos crescerão em conformidade a Cristo. Vivemos em dias que a maioria da igreja parece esperar algo extraordinário — talvez, uma comoção do Espírito que sarará todas as nossas doenças espirituais de uma só vez e com pouco esforço ou custo de nossa parte. Embora um avivamento tão extraordinário assim seja totalmente possível e perfeitamente desejável, este não é o meio ordinário pelo qual a igreja de Cristo cresce. Nosso desejo pelo extraordinário jamais deve nos levar a negligenciar os meios ordinários que Deus nos deu para crescer na fé. Na verdade, na ordem criacional de Deus, ele não costuma agir com o extraordinário até que o seu povo tenha exaurido todos os meios ordinários já providenciados.

Tendo afirmado isso, é altamente improvável que a igreja contemporânea ou o cristão individual tenha exaurido os meios comuns de graça. É muito difícil que todos nós tenhamos esgotado todas as promessas de Deus em oração, que não mais tenhamos graus a crescer em nossa intimidade com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, que já tenhamos colhido

todos os benefícios obtidos pela comunhão com a igreja local. Não é mais provável que sejamos negligentes, ou pelo menos descuidados, até mesmo preguiçosos com esses meios comuns, mas essenciais de graça? Cabe a nós ter mais cuidado para que não desprezemos o dia das coisas pequenas (Zc 4.10). De fato, Jesus ensinou o seguinte: “Atentai no que ouvis. Com a medida com que tiverdes medido vos medirão também, e ainda se vos acrescentará” (Mc 4.24); e também disse: “Quem é fiel no pouco também é fiel no muito; e quem é injusto no pouco também é injusto no muito” (Lc 16.10). O crente que negligencia a vontade ordinária de Deus raramente testemunha o extraordinário!

Embora a expressão *media gratiae* seja, na maioria dos casos, desconhecida entre os evangélicos modernos, esse desconhecimento só ocorre porque somos ignorantes de muitas das verdades históricas do cristianismo bíblico, que uma vez cooperaram em favor do fortalecimento e da purificação da igreja de Cristo. Houve um tempo em que a expressão *media gratiae*, ou “meios de graça”, fazia parte do vocabulário de todo cristão. Essa realidade pode ser provada pela pergunta 88 do Breve Catecismo de Westminster, obra usada para o ensino de crianças e de novos convertidos sobre os fundamentos do cristianismo.

Pergunta: Quais são os meios exteriores e ordinários pelos quais Cristo nos comunica as bênçãos da redenção?

Resposta: Os meios exteriores e ordinários pelos quais Cristo nos comunica as bênçãos da redenção são: as suas ordenanças, especialmente a Palavra, os sacramentos e a oração,¹ os quais se tornam eficazes aos eleitos para a salvação.²

É importante notar que dar ênfase ou até mesmo prioridade aos “meios de graça” não era uma atitude exclusiva das igrejas presbiterianas ou estritamente reformadas, mas já era um ensino propagado pelos primeiros batistas e outros evangélicos. A pergunta 95 do Catecismo Batista, escrito por Benjamin Keach (1640–1704), segue palavra por palavra a definição do Breve Catecismo de Westminster sobre os meios de graça.

Vivemos numa era em que muitos cristãos, ainda que com sinceridade, confiam em pregadores de internet, em blogs, tuítes e trechos de áudio. Ainda que alguns desses conteúdos possam ser úteis, nada substituirá o meio simples, porém eficiente de crescer espiritualmente que o próprio Senhor deu ao seu povo. Devemos voltar nossos pés para os antigos caminhos³ das Escrituras e para os caminhos de homens e mulheres fiéis que vieram antes de nós. Nas páginas a seguir, consideraremos brevemente os três meios de graça ordinários que Deus graciosamente concedeu ao cristão de maneira individual e à igreja de maneira corporativa, meios que promovem a piedade, cujo maior anseio é conformar-se à imagem de Cristo. Estes três meios de graça são: as Escrituras, a oração e o ministério bíblico das ordenanças administrado em uma igreja local.

Perguntas para Reflexão e Recapitulação do Conteúdo

1. O que significa a expressão em latim *media gratiae*?
2. Cite os meios de graça listados neste capítulo.
3. Por que os meios de graça são referidos como meios comuns, ordinários de graça?
4. Quais são os perigos de negligenciar o comum enquanto se espera pelo extraordinário?
5. Explique o significado e as implicações da pergunta 88 do Breve Catecismo de Westminster.

2

AS ESCRITURAS

Depois de nossa breve introdução aos meios de graça, consideraremos agora o primeiro e mais importante: o estudo e a exposição das Escrituras. À parte do próprio Deus Trino, é a Bíblia o maior e mais indispensável dom que o Senhor deu à igreja. Não há outra fonte de verdade inerrante acerca da Pessoa, dos decretos, das obras, da vontade e das promessas de Deus. O apóstolo Paulo em sua carta ao jovem Timóteo, que com ele cooperou no ministério, afirma poderosamente esta verdade: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2Tm 3.16–17).

Embora as Escrituras não precisem de validação humana, é importante afirmar que a inspiração, a inerrância e a essencialidade absolutas das Escrituras são convicções incontestáveis da verdadeira igreja ao longo dos séculos passados e conceitos que perduram até hoje. A Confissão de Westminster e a Confissão Batista de Londres de 1689 declaram:

A Sagrada Escritura é a única regra suficiente, certa e infalível de conhecimento para a salvação, de fé e de obediência [...] E para a melhor preservação e propagação da verdade, e o mais seguro estabelecimento e conforto da Igreja, contra a corrupção da carne e a malícia de Satanás e do mundo, foi igualmente servido fazer escrever por completo todo esse conhecimento de Deus e revelação de sua vontade necessários à salvação; o que torna a Escritura indispensável, tendo cessado aqueles antigos modos em que Deus revelava sua vontade a seu povo.^{[1](#)}

Se hesitarmos, em qualquer grau, em afirmar a inspiração, a inerrância e a suficiência das Escrituras, logo não haverá alicerce para a vida cristã. Seremos “agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina” (Ef 4.14). Seremos escravizados aos nossos pensamentos, às nossas emoções e aos mais inconstantes e vis impulsos.

Seremos atormentados por uma esperança incerta, um temperamento imprevisível e uma conduta errática, vacilante.

O Estudo das Escrituras

Enquanto era tentado no deserto, Jesus, citando Mateus 4.4, afirmou a essencialidade absoluta das Escrituras na vida do crente: “Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus”. Aqui Cristo nos mostra que precisamos nos alimentar da Palavra para sermos nutridos espiritualmente com tanta diligência quanto na hora de nos nutrirmos diariamente com alimento sólido. A Bíblia é um livro inspirado, mas não é um livro mágico. Suas palavras e verdades não saltam das páginas para o coração e a mente de seu proprietário. Para nos beneficiarmos das Escrituras, devemos estudá-las, e com diligência. O apóstolo Paulo escreveu a Timóteo: “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2Tm 2.15); e, também: “Até à minha chegada, aplica-te à leitura, à exortação, ao ensino [...] Medita estas coisas e nelas sê diligente, para que o teu progresso a todos seja manifesto” (1Tm 4.13–15).

Embora seja verdade que Paulo estava exortando um homem já ordenado ao ministério, suas exortações têm uma aplicação mais ampla e geral a todos os crentes. A fé bíblica, reformada e evangélica chama todo crente — do santo mais maduro ao mais novo convertido — a estudar, entender e aplicar as Escrituras. Quando declarou “Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus”, Jesus certamente tinha em mente toda a humanidade (Mt 4.4). Quanto mais os que pertencem à família da fé!

Agora, se você ainda não estiver convencido da necessidade de estudar as Escrituras e pessoalmente comprometido com diligência, constância e consistência, então pouquíssimas páginas deste livro lhe darão algum benefício. Nossa jornada rumo à maturidade cristã baseia-se no conhecimento da Pessoa, dos decretos, das obras, da vontade e das promessas de Deus. No entanto, conhecer o Senhor é impossível à parte do estudo pessoal e diligente das Escrituras, da exposição consistente à

pregação bíblica e da comunhão como membro de uma igreja verdadeiramente bíblica. Negligenciando este alicerce, teremos pouca esperança de avançar no conhecimento de Deus ou de crescer em conformidade à sua vontade.

Seja você novo na fé cristã, seja um santo já de muitos anos, o meio mais eficaz de crescer no conhecimento de Deus é a simples leitura das Escrituras, de Gênesis a Apocalipse, várias e várias vezes como uma *disciplina para a vida*. Sou ministro ordenado e, estudando a Bíblia por longas horas ao dia, ainda descubro que nada substitui a simples leitura diária das Escrituras. Portanto, nessas páginas recomendo o que é benéfico para mim mesmo. Dedique tempo diário para ler a Bíblia. Não corra, mas também não se arraste. Algumas partes das Escrituras permitem uma leitura mais rápida do que outras. Há dias em que talvez você leia de três a cinco capítulos; em outros dias, talvez apenas um. O objetivo é desfrutar das Escrituras, crescer no conhecimento de Deus e ser transformado pelo conhecimento destas verdades. Para sua leitura diária, recomendo de coração uma Bíblia de estudo com referências cruzadas. Um exemplar assim o ajudará a navegar pelos termos e expressões difíceis, mantendo-o dentro dos limites do cristianismo histórico e evangélico. As quatro Bíblias de estudo que julgo mais úteis são a *Bíblia de Estudo Herança Reformada*, a *Bíblia de Estudo da Reforma* (de R. C. Sproul), a *ESV Study Bible* e a *Bíblia de Estudos MacArthur*.²

Lendo as Escrituras, você certamente descobrirá muitos textos-chave para fundamentar grandes verdades teológicas e outras porções que terão um significado especial para a sua circunstância atual e para necessidades pessoais. Essas passagens devem ser memorizadas. Embora haja muitos métodos usados para memorizar as Escrituras, todos têm um denominador comum — esforço e persistência! Costumamos pensar que outros cristãos se sobressaem em disciplinas específicas por causa de seus dons, de seus talentos ou de sua personalidade. Achamos que estes irmãos se sobressaem porque é mais fácil para eles do que para nós. No entanto, na maioria das vezes, percebo que essa conjectura é falsa. Embora alguns tenham a mente mais afiada para a memorização das Escrituras, mesmo eles se sobressaem porque reconhecem o grande benefício de internalizá-las e estão dispostos a pagar o preço. O salmista escreveu: “*Guardo no coração as tuas palavras,*

para não pecar contra ti” (Sl 119.11). O inverso é: “*Não guardo no coração as tuas palavras, para pecar contra ti*”.

Estou ciente de que a minha recomendação pode parecer simplista para muitos. Porém, ler as Escrituras de capa a capa várias vezes ao longo da vida era a prática almejada pelos maiores santos da história da igreja, desejo que ainda hoje existe no coração de muitos crentes. Se você está perdido sobre como começar, pode ser útil usar o calendário de leitura bíblica desenvolvido por Robert Murray M’Cheyne.³ Por várias décadas, ele tem sido de grande ajuda para muitos santos que se comprometeram a ler as Escrituras.

A Exposição das Escrituras

Aliados à leitura pessoal e ao estudo das Escrituras estão o ensino e a pregação da Bíblia no contexto da igreja local por parte de líderes fiéis que pastoreiam seu rebanho. Aprender sob o ensino de pastores piedosos, devotos ao estudo das Escrituras, homens que vivem as Escrituras e as proclamam, é um ótimo meio de graça para o povo de Deus. Ministros assim são maravilhosamente exemplificados na vida e no ministério de Esdras, de quem as Escrituras testificam: “Porque Esdras tinha disposto o coração para buscar a Lei do Senhor, e para a cumprir, e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus juízos” (Ed 7.10). Também é exemplificado pelo ideal de sacerdote levita descrito no livro de Malaquias: “A verdadeira instrução esteve na sua boca, e a injustiça não se achou nos seus lábios; andou comigo em paz e em retidão e da iniquidade apartou a muitos. Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens procurar a instrução, porque ele é mensageiro do Senhor dos Exércitos” (Ml 2.6–7).

Como nada pode substituir nosso estudo pessoal das Escrituras, nada também pode substituir o ministério de um pastor piedoso expondo as Escrituras ao rebanho que ele pessoalmente conhece, a quem ama e serve sacrificialmente. Em anos recentes, o crescimento da *internet* possibilitou ao crente assistir a alguns dos pregadores mais capazes do mundo. Apesar disso, embora seja uma bênção, é uma bênção mista. Acompanhar um ministério pela *internet* não substitui a membresia em uma congregação

local, e mesmo os maiores e melhores pregadores da *internet*, embora proveitosos, não substituem um pastor piedoso e fiel às Escrituras. Seu pastor pode não ter credenciais acadêmicas ou dons extraordinários, mas se é um pastor fiel, ele vale mais para a sua santificação do que todos os pregadores da *internet* juntos! Negligenciar esse meio de graça é uma marca de imaturidade espiritual e de endurecimento do coração.

Também é importante lembrar que até mesmo os maiores pregadores são meros homens, sujeitos ao erro e que devem ser julgados pela Palavra de Deus. Como os bereianos dos dias de Paulo, devemos receber “a palavra com toda a avidez”, mas também examinar “as Escrituras todos os dias para ver se as coisas [são], de fato, assim” (At 17.11). Devemos “não desprezar a pregação profética” (isto é, a pregação bíblica), mas “examinar tudo com cuidado”.⁴ Para essas admoestações serem obedecidas, devemos estudar a Palavra de Deus pessoalmente, diligentemente e consistentemente.

Antes de prosseguirmos, deixe-me fazer uma breve admoestação aos pastores e presbíteros. Vocês são os homens mais privilegiados do mundo e receberam um grandioso dever. Se o crente já é chamado individualmente a operar sua salvação com temor e tremor, quanto mais vocês, pastores e presbíteros, devem cumprir seu ministério com até mesmo um grau maior de solenidade (Fp 2.12). Não percebem que a reclamação mais comum do crente sentado nos bancos é a de que seus pastores e presbíteros parecem mais preocupados com programas, estratégias e o número de membros do que com o estudo da Palavra de Deus, a oração secreta, os frutos de uma vida piedosa e a exposição das Escrituras? Queridos irmãos, que isto não seja dito de nós. Sejamos como Esdras no passado, que dispôs “o coração para buscar a Lei do Senhor, e para a cumprir, e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus juízos” (Ed 7.10). Junto ao apóstolo, digamos a toda distração: “e, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra” (At 6.4).

O Uso das Escrituras na Adoração

As Escrituras não servem unicamente para o estudo pessoal e a pregação expositiva, mas também para o ato de adoração e louvor

congregacional. O uso das Escrituras segue três formas fundamentais — a leitura pública das Escrituras, a exposição pública das Escrituras e a prática de cantar as Escrituras.

Hoje, a leitura pública de grandes porções das Escrituras é uma raridade. Na verdade, a maioria ficaria surpresa ao saber que essa era considerada uma parte central da adoração congregacional das primeiras igrejas reformadas e evangélicas. Essa parte do culto não foi fundada sobre a preferência pessoal de nossos pais espirituais, mas é, na verdade, ordenada nas Escrituras. Em 1Timóteo 3.15, o apóstolo Paulo dá uma longa instrução sobre “como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo”; ele ordenou que a leitura das Escrituras fosse parte central da adoração congregacional: “Até à minha chegada, aplica-te à leitura, à exortação, ao ensino” (1Tm 4.13).

Nós, contudo, construímos nossa casa na areia quando ignoramos esse mandamento, presumindo que torna o culto mais lento ou que o ser humano moderno perdeu sua habilidade de ouvir com atenção. Não podemos concordar com os baixos padrões de nossa cultura, muito menos nos conformar. Um dos incontáveis erros e heresias do catolicismo romano é o fato de ele ter conformado o cristianismo à cultura para torná-lo mais apelativo e aceitável. Em contraste a esse engano, os reformadores permaneceram fiéis às Escrituras e convocaram a cultura ao redor para se conformar aos altos padrões da Palavra de Deus. O catolicismo romano apenas rebaixou ou poluiu o cristianismo, mas a fé reformada levou a cultura a novos patamares espirituais, acadêmicos, econômicos e sociais. Não devemos tolerar a noção de que as pessoas desta era da *internet* e de áudios curtos não mais conseguem suportar leituras longas das Escrituras ou sermões que ultrapassam vinte minutos. Ao invés disso, cabe a nós ler as Escrituras com amor e paciência até que as pessoas sejam transformadas pela Palavra de Deus.

Aliada à leitura das Escrituras está a exposição fiel da Palavra de Deus pregada por pastores, professores e evangelistas fiéis e zelosos em seu estudo. Esta também é uma forma de adoração em que aquele que proclama é o mesmo que expõe e exalta os atributos e as obras de Deus. Além disso, a prática de pregar consistentemente as Escrituras gera no

coração da congregação reverência, estima e amor por Deus ainda maiores. O grande reformador de Genebra, João Calvino, certa vez escreveu: “O propósito do bom mestre deve ser sempre o de tirar do mundo os olhos dos homens e voltá-los para o céu”.⁵ A verdadeira pregação bíblica não lida sobretudo com a comunicação de princípios para que a congregação possa avançar em direção à “melhor vida no agora”. Mas, ao contrário, a verdadeira exposição da Palavra de Deus transmite o conhecimento de Deus que resulta em fé, adoração e obediência sincera. Assim como a leitura pública das Escrituras, essa visão histórica da pregação, embora hoje rara, ainda constitui um meio essencial de graça. Como cristão, você deve fazer disso prioridade. Não importa o custo ou qual seja a dificuldade, procure ter comunhão em uma igreja cujos pastores e presbíteros zelem pelo estudo das Escrituras, considerem a pregação e o ensino como o ministério de suas vidas, e preguem sermões que alimentem o rebanho com o conhecimento e a motivação para adorar a Deus em espírito e em verdade, “porque são estes que o Pai procura para seus adoradores” (Jo 4.23).

Finalmente, aliada à leitura das Escrituras e sua exposição está a prática de cantar a Palavra de Deus. O canto congregacional é um ato de adoração direcionado exclusivamente a Deus, cuja consequência secundária é edificar a congregação. Para que seja agradável a Deus e edificante aos santos, a entoação de cânticos deve ser bíblica e didática.⁶ Algumas igrejas reformadas ensinam que é mais seguro e melhor limitar a entoação de cânticos nas igrejas ao manual canônico e original de Deus, isto é, os Salmos, enquanto outras igrejas reformadas se sentem confortáveis em cantar hinos que transmitem grandes verdades doutrinárias, admoestações, encorajamentos e advertências das Escrituras. Embora existam bons argumentos de ambos os lados, tanto um quanto outro concordam que cantar na adoração congregacional é um meio de graça válido e muito importante para o povo de Deus. Muitos estudiosos e historiadores da igreja defendem que as grandes verdades da Reforma não foram apenas comunicadas ao povo em geral por meio da pregação dos reformadores, mas também por meio de hinos bíblicos escritos e cantados pela igreja. Não é coincidência que o hinário ou o livro de cânticos das Escrituras — o livro de Salmos — também seja recurso primário para o estudo de muitas das maiores doutrinas do cristianismo, especialmente

quando diz respeito à doutrina acerca do Ser de Deus. O apóstolo Paulo em sua carta aos Colossenses afirma essa relação entre a adoração e a Palavra: “Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração” (Cl 3.16).

Emoções bíblicas são um dom de Deus, e a adoração bíblica certamente tem o poder de tocar as emoções e conformá-las à vontade de Deus. No entanto, nossa resposta emocional à música, ao ritmo ou à letra de um hino ou de um coro não é indicativo das propriedades destas práticas. Todo louvor deve ser testado pelas Escrituras e comunicar as grandes verdades da Palavra de Deus. Não é suficiente que não contenha heresias, mas o hino também deve estar repleto de verdade! Quando a música silencia e o ritmo cessa, é a verdade das Escrituras comunicada por meio do hino que deve permanecer.

O Grandioso Tema das Escrituras

Já deixei claro que as Escrituras são não só o meio para sermos salvos,⁷ mas também santificados. No entanto, seria negligência de nossa parte se não estabelecêssemos uma verdade ainda mais essencial — que o tema central das Escrituras é a Pessoa e a obra redentora do Senhor Jesus Cristo. Ele é a pedra angular das Escrituras e deve estar no início, no centro e no fim de toda a nossa leitura, de todo nosso estudo, memorização, meditação, pregação e canto.

Embora a mensagem do evangelho obviamente faça parte das Escrituras, este é um tema importante e extraordinário que deve ser tratado separadamente. Ao longo dos séculos, muitos pregadores têm afirmado que o pó da Bíblia é ouro, que o menor jota ou til das Escrituras é de maior valor do que todos os outros livros que foram ou serão escritos. No entanto, mesmo nas Escrituras há uma única mensagem, a grande verdade que prevalece sobre todas as demais: “que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1Co 15.3–4). Nessas poucas afirmações, encontramos a maior revelação de Deus e o cumprimento de nossa salvação.

O evangelho não é unicamente “o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê”, mas também é a maior fonte ou estímulo de nosso progresso e perseverança na fé (Rm 1.16). O apóstolo Paulo escreveu: “Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou” (2Co 5.14–15).

No evangelho de Jesus Cristo, encontramos todos os motivos para a fé e todo incentivo para crescimento, perseverança, serviço e sacrifício. Um simples vislumbre de Cristo é o suficiente para impulsionar um coração regenerado por dez mil vidas de batalha espiritual, batalhas contra a carne, provações interiores, perseguições e fraquezas físicas. Foi um vislumbre distante de Cristo no evangelho que levou Moisés a deixar o Egito e os prazeres passageiros do pecado para sofrer com o povo de Deus e levantar-se contra o mais poderoso governante da Terra.⁸ Foi um vislumbre de Cristo que levou Paulo a dedicar-se a uma vida de serviço incansável e martírio. Foi um vislumbre de Cristo que capacitou John Bunyan a passar anos atrás das grades ao invés de negar seu chamado a pregar o evangelho. Foi um vislumbre de Cristo que enviou William Carey para a Índia, Hudson Taylor para a China e George Müller para os órfãos de Bristol. Tomando emprestada a fraseologia de Hebreus (11.32), e o que mais direi? Certamente, me faltará o tempo necessário para me referir aos incontáveis santos ao longo dos séculos que fizeram e suportaram coisas extraordinárias por causa de uma só motivação — a de que Cristo morreu por pecadores! Se você quer se juntar a esse grupo de crentes que fizeram maravilhas em nome do Senhor e perseveraram até o fim, então busque a Cristo acima de tudo nas Escrituras e em oração. As palavras do homem sábio sobre a sabedoria encontram seu cumprimento final em Cristo: ele é mais precioso do que as muitas joias; e nada que você deseje pode se comparar ao Senhor Jesus Cristo!⁹

Perguntas para Reflexão e Recapitulação do Conteúdo

1. Qual é o “principal” meio de graça que Deus deu ao crente? Por que justamente esse meio de graça essencial deve ser considerado o principal, o fundamento?
2. Que texto bíblico prova a mais absoluta essencialidade das Escrituras? Que verdade esse texto bíblico comunica?
3. Você concorda com a seguinte frase? Se sim, por quê? “Se hesitarmos, em qualquer grau, em afirmar a inspiração, a inerrância e a suficiência das Escrituras, logo não haverá alicerce para a vida cristã”.
4. O que quer dizer a seguinte frase? Você concorda com ela? “A Bíblia é um livro inspirado, mas não é um livro mágico. Suas palavras e verdades não saltarão das páginas para o coração e a mente de seu proprietário. Para nos beneficiarmos das Escrituras, devemos estudá-las, e com diligência”.
5. Como devemos estudar as Escrituras? Que ferramentas de estudo este capítulo sugere? Por quê?

3

ORAÇÃO

Tanto a leitura diária da Bíblia como a oração parecem batalhar pelo título de disciplina mais negligenciada da vida cristã. Com o risco de parecer simplista, essa negligência é a fonte de quase todas as doenças espirituais que afligem o crente como indivíduo e a igreja como congregação. Todos parecem unânimes quanto à necessidade da Palavra e da oração, e igualmente unânimes em admitir negligência particular de ambos. É normal ouvirmos dos ministros e dos membros: não conheço nenhum crente que, à beira da morte, reclamou por ter passado *tempo demais* debruçado sobre a Palavra de Deus e em oração”.

Tudo isso parece nos levar a uma pergunta importante, mas dolorosa: “Por que consideramos a oração uma prática tão difícil?”. O motivo mais óbvio é a nossa carne e a nossa contínua autossuficiência. Nossa carne odeia a oração secreta porque esta nega a autossuficiência, não deixa que o ego se vanglorie e transfere a admiração e os louvores dos homens para Deus. Em certo sentido, nossa carne pode ser um guia para aquilo que é verdadeiramente importante na vida cristã — aquilo que a carne mais odeia é justamente o mais essencial. E o que a nossa carne mais odeia do que a leitura diária das Escrituras e a oração secreta?

Outro motivo para batalharmos contra a oração é nossa simples falta de fé. A oração é uma oportunidade de participar do miraculoso e contemplar a Deus enquanto ele faz “infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos” (Ef 3.20). Em Lucas 18.1–8, Jesus profere um de seus maiores discursos sobre a vontade que Deus tem de responder à oração perseverante. Ele então termina com um dos comentários mais tristes sobre a falta de fé e devoção do seu povo: “Contudo, quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na terra?” (Lc 18.8).

Queridos irmãos e irmãs em Cristo, que esta pergunta não descreva a nossa geração. Que não estejamos entre aqueles que não têm porque não pedem (Tg 4.2). Que coloquemos de lado a carne e seus fracos recursos e nos dediquemos com diligência e persistência a Deus em oração. Não foi o próprio Deus quem prometeu o que está escrito em 2Crônicas 16.9? “Porque, quanto ao Senhor, seus olhos passam por toda a terra, para mostrar-se forte para com aqueles cujo coração é totalmente dele”. E, também, a Palavra de Deus não ordena o que está escrito em Isaías 62.6–7? “Vós, os que fareis lembrado o Senhor, não descanseis, nem deis a ele descanso até que restabeleça Jerusalém e a ponha por objeto de louvor na terra”. Quanto menos confiarmos na carne, mais nos voltaremos a Deus em oração, e mais veremos seu poder miraculoso operando em nós e por meio de nós. Entraríamos em desespero mesmo com promessas e ordenanças como essas? Como não levantar e ir adiante?

Seguindo o Exemplo de Cristo

Para expor a falta de sentido de nossa autossuficiência, basta nos compararmos ao homem perfeito, o Deus-Homem, Jesus Cristo. Sem medo de exageros, posso afirmar que Cristo era de fato o homem de oração. Seus três anos de ministério foram indiscutivelmente os mais ocupados, mais cansativos e mais exigentes já registrados, e ainda assim o Senhor se sobressaiu como homem de oração.

Muitos afirmam que se lermos o Evangelho de Marcos corretamente, ficaremos exaustos depois de algumas poucas páginas. Ele é organizado como uma série de rápidos vislumbres de Cristo enquanto ele trabalha para realizar a vontade do Pai. Várias vezes no primeiro capítulo, encontramos a palavra “logo” aliada às atividades de Cristo: *logo* ao sair da água (v. 10); e *logo* o Espírito o impeliu para o deserto (v. 12); e *logo* os chamou (v. 20); depois, entraram em Cafarnaum, e, *logo* no sábado, foi ele ensinar na sinagoga (v. 21); e, saindo eles da sinagoga, foram, com Tiago e João, *diretamente* para a casa de Simão e André (v. 29); e *logo* falaram a ele sobre a sogra de Pedro que estava doente e ele a curou (v. 30–31). Depois, no mesmo dia, Marcos escreve: “À tarde, ao cair do sol, trouxeram a Jesus todos os enfermos e endemoninhados. Toda a cidade estava reunida à porta. E ele curou muitos doentes de toda sorte de

enfermidades; também expeliu muitos demônios, não lhes permitindo que falassem, porque sabiam quem ele era” (v. 32–34).

Cristo dedicou dia e noite para realizar a vontade do Pai e satisfazer as necessidades de seu povo. Nem mesmo sabemos se ele dormiu naquela noite, mas sabemos que “Tendo-se levantado alta madrugada, saiu, foi para um lugar deserto e ali orava” (v. 35). É importante notar que esse texto não pode ser usado como fundamento para negligenciar o sono ou ofuscar a necessidade de uma rotina diária, mas apenas para demonstrar que Jesus reconhecia a necessidade absoluta de orar.

A devoção de Cristo à oração é confirmada também no Evangelho de Lucas e em suas muitas referências à vida de oração de Jesus. Ele orou em seu batismo (Lc 3.21). Ele “saiu e foi para um lugar deserto” para orar enquanto as multidões o procuravam (Lc 4.42). Em meio a um ministério intenso, Cristo frequentemente “se retirava para lugares solitários e ali orava” (Lc 5.15–16). Antes de escolher seus discípulos, “retirou-se para o monte, a fim de orar, e passou a noite orando a Deus” (Lc 6.12). Ele estava “orando à parte” antes de anunciar aos discípulos sua morte (Lc 9.18–22).

Essas referências à vida de oração de Cristo culminam em Lucas nos dizendo que “estava Jesus orando em certo lugar; quando terminou, um dos seus discípulos lhe pediu: Senhor, ensina-nos a orar” (Lc 11.1). Imagine isso! Não há registro de os discípulos pedindo a Jesus que os ensinasse a caminhar sobre as águas, a curar os doentes, a ressuscitar os mortos ou até mesmo a pregar, mas eles pediram uma coisa: “Ensina-nos a orar!”. Será que a oração era a prática mais espetacular e surpreendente na vida de Cristo? Sua comunhão com o Pai era algo que os discípulos jamais haviam testemunhado, e assim eles queriam aprender a orar como o Filho orava!

É claro, cabe a nós conformar cada aspecto de nosso caráter e ministério a Cristo. Mas ao batalharmos por nossa vida de piedade, que não negligenciemos a conformidade à vida devocional e à vida de oração de Cristo. “Porquanto nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cl 2.9), mas também era verdadeiramente homem, e como verdadeiro homem, ele é o nosso exemplo perfeito.¹ Ele recebia direção e

força do Pai por meio do Espírito Santo em oração. Se Cristo precisava de uma vida de oração, quanto mais nós precisamos reconhecer a mesma necessidade e nos entregar à oração!

Aprendendo de Cristo

Quando lidamos com a vida de oração e sobre o que orar, há dois extremos. Em um extremo, alguns ignoram ou negligenciam os ensinamentos das Escrituras e oram de acordo com o que pensam ser o certo ou de acordo com os vários impulsos de suas emoções. Embora reivindiquem a direção do Espírito Santo, frequentemente oram de uma maneira que contradiz a vontade do Espírito revelada nas Escrituras. No outro extremo, há aqueles que se vangloriam e se consideram completamente bíblicos porque sua vida de oração consiste em simplesmente ler orações bíblicas e recitar as promessas de Deus. Embora possam ser práticas edificantes quando usufruídas com moderação, vai além do ensino das Escrituras proibir ou desencorajar a oração espontânea, fundamentada nas Escrituras e por elas guiada. Se fôssemos eliminar toda oração exceto a leitura das Escrituras direcionada a Deus, então também precisaríamos eliminar a exposição das Escrituras na pregação e permitir apenas a leitura pública do texto bíblico.

Em contraste aos extremos acima mencionados, a prática dos santos registrada na Bíblia e dos crentes ao longo da história da igreja, sempre foi a de renovar a mente — isto é, cultivar a mente de Cristo — pelo estudo das Escrituras. Para mantermos essa disciplina completamente bíblica, precisamos estudar todo o conselho de Deus nas Escrituras, aprofundar nosso conhecimento da Pessoa e das obras de Deus, avançar em nosso entendimento de quem somos perante Deus em Cristo e amadurecer nosso discernimento da vontade e das promessas de Deus reveladas nas Escrituras. Além do mais, precisamos nos dedicar ao estudo da doutrina da oração e meditar sobre as orações encontradas nas Escrituras, seguindo com zelo o que é dito em 1 Timóteo 4.15: “Medita estas coisas, e nelas sê diligente, para que o teu progresso [na oração bíblica] a todos seja manifesto”.

As Escrituras estão repletas de modelos de oração dos quais podemos aprender muito, mas um exemplo se sobressai entre os demais. Em Lucas 11.1, os discípulos pediram a Jesus: “ensina-nos a orar”. Em resposta, Jesus lhes ensinou aquela que é conhecida como a Oração do Pai Nosso. Bem como Moisés disse diante da sarça ardente, devemos nos “virar até lá e [contemplar] esta grande visão” (Êx 3.3).

Aos poucos, os evangélicos foram deixando de usar a oração do Pai Nosso como modelo de oração bíblica por causa do uso incorreto no catolicismo romano. No entanto, não podemos justificar nossa negligência pelo uso indevido alheio. É um fato maravilhoso que as Escrituras tenham registrado o momento quando os discípulos pediram a Cristo que os ensinasse a orar, e ele ensinou a oração do Pai Nosso:

Portanto, vós orareis assim:
Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome;
venha o teu reino;
faça-se a tua vontade,
assim na terra como no céu;
o pão nosso de cada dia dá-nos hoje;
e perdoa-nos as nossas dívidas,
assim como nós temos perdoado aos nossos devedores;
e não nos deixes cair em tentação;
mas livra-nos do mal
[pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém]!

A primeira joia que extraímos desta oração é a atitude correta — um equilíbrio entre intimidade e reverência. Deus é o nosso Pai perfeito e amável, com quem podemos conversar livremente sem medo de condenação. No entanto, devemos sempre nos lembrar de que nosso Pai é o Rei dos céus, o Senhor de tudo e de todos, e merecedor de nossa maior reverência. Muitos professores de estudos bíblicos falam com razão sobre a expressão “Aba, Pai”. Paulo encorajou os crentes em Roma: “Porque não recebestes o espírito de escravidão, para, outra vez, estardes em temor, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai” (Rm 8.15). Ele também escreve à igreja da Galácia: “E, porque sois

filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai!” (Gl 4.6). Esses textos certamente nos fornecem grande encorajamento para orar, uma vez que nos asseguram de que temos um relacionamento íntimo de pai e filho com Deus. No entanto, o ensino comum de que “Aba” é o equivalente aramaico do termo “papai” não tem base e é prejudicial. Devemos entender que, no contexto do Oriente Médio do século I, *abba* claramente comunicava intimidade, mas sem diminuir em nada a reverência apropriada em um relacionamento de pai e filho. A palavra “papai” é totalmente inadequada pelo fato de que falha em comunicar a reverência exigida diante do Santo de Israel, que declarou: “Mostrarei a minha santidade naqueles que se chegarem a mim e serei glorificado diante de todo o povo” (Lv 10.3).

A segunda joia que extraímos da oração do Pai Nosso é como um diamante multifacetado; há três petições individuais inter-relacionadas. Essas petições devem ser o zelo a nos mover e a essência de nossa vida de oração. Devemos orá-las tendo em mente cada cristão, a igreja e toda a humanidade.

Na primeira petição, “Santificado seja o teu nome”, oramos para que o nome de Deus seja reconhecido como separado, distinto e exaltado acima de todo nome, e que seja honrado como santíssimo. Por nós individualmente, e também por toda a igreja, intercedemos pedindo que Deus nos faça crescer em amor e devoção por seu nome; pedimos que o Senhor seja exaltado em nosso coração acima de tudo e de todos, sobrepujando qualquer afeição e destronando tudo aquilo que tenta ser mais importante do que Deus. Pensando neste mundo incrédulo, oramos para que o evangelho avance e, assim, remova todas as trevas espirituais das nações, dando-lhes um novo coração para que possam estimar a Pessoa e a vontade de Deus acima de todas as coisas.

Na segunda petição, “Venha o teu reino”, pedimos a Deus para que o seu soberano e justo domínio possa se tornar uma realidade crescente em nós, individualmente, e na igreja, coletivamente; oramos pedindo que nos entreguemos ao Senhor por completo, de todo nosso coração, alma e forças, e clamando para que ele seja reconhecido como Rei dos reis em todas as circunstâncias e momentos de nossa vida. Quanto a este mundo

incrédulo, oramos para que ele cesse sua guerra contra Deus e reconheça seu direito de governar cada pessoa, instituição e empreendimento; que cada faceta da sociedade, do governo, da cultura, da arte e do conhecimento científico o reconheça como Senhor e exalte seu direito soberano de governar.

Na terceira petição, “Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu”, pedimos a Deus para que a nossa entrega interior ao seu Senhorio se manifeste em obediência exterior e serviço ativo. Clamamos a Deus para que vivamos em sua presença diante do mundo como se já estivéssemos no céu. Quanto a este mundo incrédulo, oramos para que o evangelho possa avançar a fim de reconciliar com Deus “todas as nações, tribos, povos e línguas” e submetê-los em alegria e zelo ao Rei dos reis e Senhor dos senhores (Ap 7.9).

Estas três petições revelam o coração e as afeições do crente por Cristo, e é por isso que devem estar no centro de nossas paixões e de nossa vida de oração. Nós, povo de Deus, temos uma grande preocupação, e esta é que o nome do Senhor seja santificado, que o seu reino venha a este mundo, e que a sua vontade seja feita — em cada um de nós, na igreja e em todo o mundo. Qualquer outro desejo ou necessidade, não importa quão válido seja, ainda é secundário. Até mesmo os pedidos que se seguem na Oração do Pai Nosso devem ser entendidos no contexto desta preocupação maior. Nossas petições por sustento diário, por força diante das tentações e por unidade na igreja servem ao propósito de trabalhar com maior foco e eficiência para honrar o nome de Deus, avançar o seu reino e fazer a sua vontade. Podemos ter certeza de que Deus honrará nossas orações!

Aliado à Oração do Pai Nosso há também um número praticamente incontável de orações registradas nas Escrituras; são petições por santificação, iluminação para entender as Escrituras, orientação e poder para a vida cristã. Para lidar brevemente com até mesmo um décimo delas, seriam necessários vários volumes. No entanto, essas orações estão à sua disposição nas Escrituras: basta estudar com vontade e diligência.

Oração Secreta e Oração em Público

Há dois importantes contextos de oração e ambos são essenciais no crescimento do cristão em direção à maturidade espiritual. O primeiro é a oração privada ou secreta. Ela inclui adoração pessoal, ação de graças, comunhão e a articulação de todas as formas de petição bíblica. A oração secreta é absolutamente essencial durante nosso estudo das Escrituras, pois constantemente necessitamos do auxílio do Espírito. É o Espírito de Deus que nos ilumina para entender as Escrituras² e que nos fortalece na obediência à Palavra de Deus.³ A oração privada e a comunhão íntima também nos guardam contra uma fé puramente mental, intelectual ou acadêmica, sem ser transformadora, relacional e prática. Precisamos lembrar que o verdadeiro cristianismo é mais do que uma verdade autoritativa revelada num livro inspirado, inerrante e infalível. Trata-se de um relacionamento pessoal, transformador e responsivo com o Deus que se revela por meio desse livro.

Aliada à nossa vida de oração privada ou secreta deve estar a vida de oração pública e congregacional da igreja. Jesus, referindo-se ao templo físico em Jerusalém, declarou: “Está escrito: ‘a minha casa é casa de oração’”.⁴ Se Jesus disse isso naquela situação, quanto mais essa citação de Isaías pode ser aplicada ao templo espiritual de Cristo, que é a igreja!⁵ No livro de Atos, aprendemos que a igreja primitiva era fervorosa na oração congregacional. Lucas registra: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações” (At 2.42).

Em muitas igrejas hoje, a oração congregacional sofre da mesma negligência que a leitura pública das Escrituras. Quando colocada em prática, dificilmente passa de uma longa reunião envolvendo notícias, novidades ou até mesmo fofocas, finalizada então com alguns minutos de orações genéricas. Também não é incomum que a oração congregacional foque nas necessidades físicas da congregação, ignorando as maiores necessidades do reino reveladas na Oração do Pai Nosso.

Para restaurar a devida posição da oração congregacional, os pastores devem dar um passo adiante. Eles não só devem separar tempo para a oração e instruir a congregação sobre a importância de orar sem cessar, mas também ensinar a igreja a orar biblicamente e corrigir práticas e

atitudes antibíblicas que venham a surgir durante os cultos de oração. Perceba que recuperar o devido espaço para a oração na congregação local será quase impossível enquanto os líderes da igreja (sobretudo os da igreja ocidental) continuarem promovendo cultos como se fossem eventos para alimentar os caprichos carnis do não convertido e entreter os imaturos na fé. Que Deus levante pastores e presbíteros que, como os apóstolos do século I, declarem com solene convicção: “Quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra” (At 6.4), e levem a igreja a fazer o mesmo!

Perguntas para Reflexão e Recapitulação do Conteúdo

1. O que você pensa sobre a seguinte afirmação? “Muitos ministros e membros da igreja dizem: ‘Jamais conheci um cristão em seu leito de morte que lamentou por ter passado tempo demais diante da Palavra de Deus e em oração’”. Como essa afirmação pode ser aplicada à sua própria vida?
2. Quais são os dois principais motivos para considerarmos a oração uma prática tão difícil?
3. Como Jesus demonstrou em sua própria vida que ele era um homem de oração? Como podemos seguir seu exemplo?
4. Quais são os dois extremos que devemos evitar enquanto aprendemos a como orar biblicamente? Como os santos registrados na Bíblia e os crentes ao longo da história da igreja aprenderam a orar?
5. Por que devemos estimar a Oração do Pai Nosso como essencial para nosso entendimento da oração bíblica?
6. Explique brevemente o significado de cada uma das petições da Oração do Pai Nosso.
7. Descreva a oração secreta ou particular e sua importância.
8. Qual era o espaço dado à oração congregacional pela igreja primitiva? Pensando em nossos dias, o que devemos fazer para restaurar essa prática na igreja?

4

ARREPENDIMENTO E CONFISSÃO DE PECADOS

Nossos pais espirituais raramente mencionavam o arrependimento e a confissão de pecados separadamente como meios de graça, porque já eram considerados elementos essenciais da oração. Em outras palavras, quando lidavam com a oração como um meio de graça, arrependimento e confissão de pecados estavam naturalmente presentes. No entanto, visto o enorme desentendimento e a profunda negligência na igreja contemporânea sobre o arrependimento e a confissão de pecados, percebo a necessidade de escrever sobre ambos os tópicos separadamente como meios de graça.

Na cultura contemporânea e em boa parte do evangelicalismo, o arrependimento e a confissão de pecados são frequentemente vistos com maus olhos, ou, no melhor dos casos, como males necessários. A psicologia moderna nos ensina a proteger o nosso ego a qualquer custo, mesmo se tivermos de negar a realidade para o próximo e para nós mesmos. Para piorar ainda mais as coisas, boa parte da pregação evangélica parece projetada para tornar tudo avesso à luz das Escrituras, impossibilitando-a de expor nossos erros e nos deixando confortáveis. Parecemos mortos enquanto mantemos o *status quo* de “Estou bem... você está bem”, embora todas as evidências indiquem o contrário. Como resultado, nossa consciência é afligida por um senso dominante de culpa, nossa paz é dominada por um senso profundo e constante de estranheza para com Deus e a vitória é tragada por uma derrota praticamente perpétua.

Qual é o remédio para essa frequente doença que aflige o cristão? Como já era de esperar, o remédio de que precisamos é o próprio remédio que tendemos a evitar — arrependimento e confissão de pecados! Aos

olhos do mundo, da pessoa carnal e daqueles com pouca instrução, arrepender-se dos pecados cometidos e confessá-los a Deus são práticas humilhantes e destrutivas. Sob a perspectiva bíblica, no entanto, são dons de Deus como meios de graça que levam à restauração, à paz e à alegria.

Para caminharmos com Cristo na confiança e na alegria que ele nos reserva, devemos nos desviar das ideologias do mundo e abraçar a cura que é encontrada nas Escrituras. Aquilo que o mundo recomenda e o remédio da Palavra não podem ser misturados, nem receitados em conjunto, exceto para prejuízo do paciente. Devemos rejeitar os remédios do mundo que meramente cobrem a ferida pútrida do pecado, e abraçar o remédio da Palavra que comanda a abertura do ferimento e a limpeza do local ferido.

Arrependimento

No Novo Testamento, a palavra “arrependimento” é frequentemente traduzida a partir do termo grego *metanoéo*, formado a partir da palavra *noéo* (perceber ou entender) com a preposição *meta*, que denota mudança. O arrependimento, portanto, envolve uma mudança radical na percepção das coisas ou na visão da própria realidade. Nas Escrituras, essa mudança de mente nunca é confinada somente ao intelecto, mas tem efeito igualmente radical sobre as emoções e sobre a vontade.

Há um termo hebraico que pode nos ajudar a aprofundar nosso entendimento do arrependimento: é o verbo *nacham*, cuja raiz reflete a ideia de “respiração profunda”, comunicando a manifestação física dos sentimentos, tais como tristeza, lamento ou contrição.¹ Portanto, o arrependimento bíblico não envolve apenas a mudança de mente em relação ao pecado, mas também a genuína tristeza pelo pecado.

Mesmo a compreensão mais simples de nossa pecaminosidade e culpa levará à verdadeira tristeza, à genuína vergonha e até mesmo ao ódio ou à abominação saudável por nosso pecado e nossa carne. Esdras, o escriba, declarou que estava “confuso e envergonhado, para levantar” seu rosto a Deus, por causa dos pecados de Israel (Ed 9.5–6). O profeta Jeremias clamou: “Deitemo-nos em nossa vergonha, e cubra-nos a nossa ignomínia,

porque temos pecado contra o Senhor, nosso Deus” (Jr 3.25). O profeta Ezequiel ousou declarar que quando finalmente reconhecesse a natureza de seu pecado hediondo contra Deus, a nação desobediente de Israel abominaria a si mesma por todos os males que havia cometido (Ez 20.43). Finalmente, escrevendo aos crentes de Roma, o apóstolo Paulo percebeu que eles ainda estavam envergonhados por aquilo que haviam cometido antes da conversão (Rm 6.21). Falar sobre vergonha parece não ter espaço neste mundo e em muitas comunidades evangélicas da atualidade, onde reina a psicologia da autoestima. No entanto, sentir tristeza e vergonha pelo pecado e abominar o próprio “eu” são verdades bíblicas e parte essencial do arrependimento genuíno em ambos os Testamentos.

Para entender o arrependimento, precisamos considerá-lo a partir de duas perspectivas — o arrependimento para a salvação no momento da nossa conversão e o arrependimento contínuo para santificação por todo o curso da vida cristã. No momento de nossa conversão, o Espírito Santo regenera o nosso coração, ilumina nossa mente e expõe nosso erro e nosso pecado pela revelação da verdade de Deus. Como resultado dessa obra do Senhor, nossa mente é transformada e nossa visão da realidade é radicalmente alterada — sobretudo nossa visão de Deus, de nós mesmos, do pecado e do caminho de salvação. Voltamo-nos da incredulidade e da autossuficiência para a fé e a submissão à vontade de Deus. Depois da conversão, o Espírito Santo continua a obra de arrependimento e nos revela as verdades divinas, para que com cada vez maior clareza possamos ver o caráter de Deus e nos enxergar sob uma luz cada vez mais forte. Isso é o que muitos teólogos e pregadores da antiguidade chamavam de “Senda do Calvário”,² e este é o único caminho para a liberdade e para a alegria!

Para entendermos como o arrependimento e a confissão de pecados conduzem à vida, devemos primeiramente entender que o pecado, qualquer que seja, é uma doença mortal para a vida cristã. O pecado polui,³ escraviza,⁴ torna miserável e, finalmente, mata tudo o que toca.⁵ E o mais importante de tudo, o pecado atrapalha a comunhão do crente com Deus e o seu serviço ao Senhor. Embora seja uma verdade digna de toda aceitação o fato de que nada pode separar o crente do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor (Rm 8.39), é igualmente verdade que o pecado atrapalha a comunhão terrena com Deus. O salmista clamou “Se eu

no coração contemplara a vaidade, o Senhor não me teria ouvido (Sl 66.18)”. O profeta Isaías declarou com ousadia à nação desviada de Israel: “Eis que a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; nem surdo o seu ouvido, para não poder ouvir. Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus, e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça” (Is 59.1–2).

Mesmo uma visão superficial da natureza maculada e mortal do pecado na vida do crente e seu efeito na comunhão com Deus já deveria nos levar a procurar um remédio imediato e digno. Essa percepção deveria nos tornar dispostos a administrar esse remédio sobre nós mesmos contínua e repetidamente ao longo de toda a nossa vida. Esse remédio é o arrependimento, cuja eficácia é ainda mais profunda quando saturamos nossa mente com as Escrituras, temos comunhão com uma igreja local bíblica e estamos determinados a lidar radicalmente com o pecado quando exposto.

Primeiro, ficamos sensíveis ao nosso pecado e à necessidade de arrepender-nos, saturando nossa vida na Palavra de Deus. Como disse Davi, há uma relação direta entre o coração cheio da Palavra de Deus e sua força para fugir do pecado (Sl 119.11). Aqui, devemos reconhecer que o crente tem a mais absoluta necessidade da Palavra de Deus para tornar-se cada vez mais sensível ao pecado. Embora a convicção de pecado seja obra do Espírito Santo (Jo 16.8), a espada ou o bisturi que o Espírito maneja para abrir o coração é a Palavra de Deus. Mais uma vez, devo reiterar aquilo que já foi afirmado. Quanto mais vemos a luz de Deus por meio do nosso estudo da Palavra, mais enxergamos a nós mesmos sob a perspectiva dessa luz. Conforme crescemos no estudo da Palavra, pecados até então escondidos são expostos, e assim aprendemos a enxergá-los da mesma forma como Deus os vê, a odiá-los com uma paixão santa e a rejeitá-los sem pensar duas vezes. A obra do Espírito ao expor pecados secretos em nossa vida pode ser muito dolorosa, angustiante e agonizante, mas é o caminho certo para a cura. A pessoa que não está consciente do câncer que se alojou em seu interior pode estar muito feliz em sua ignorância, mas é uma ignorância fatal que certamente resultará em morte. No entanto, o paciente que se conscientiza do câncer contraído pode lamentar por um

tempo, mas a notícia que estilhaça seu coração pode, por fim, salvar sua vida.

Segundo, ficamos mais sensíveis ao nosso pecado e à nossa necessidade de arrependimento quando vivemos nossa vida cristã em comunhão com crentes genuínos na igreja local visível. Esta realidade costuma ser negligenciada e até mesmo ignorada por esta presente geração, embora seja absolutamente essencial. Deus determinou que cada crente há de crescer no contexto de pastores e presbíteros piedosos, professores fiéis e da comunhão dos santos. O Antigo Testamento afirma: “Como o ferro com o ferro se afia, assim, o homem, ao seu amigo” (Pv 27.17). O Novo Testamento chega a ser mais explícito. O apóstolo Paulo escreve que um dos principais deveres dos ministros de Cristo é “prega[r] a palavra, insta[r], quer seja oportuno, quer não, corrig[ir], repreende[r], exorta[r] com toda a longanimidade e doutrina” (2Tm 4.2). Esse ministério não se limita aos ministros de Cristo, mas se estende à congregação toda. Paulo também escreve à igreja de Colossos: “Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração” (Cl 3.16). Com isso o autor de Hebreus concorda: “Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel. Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras. Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima” (Hb 10.23–25).

Se de fato cremos na inspiração, na inerrância e na suficiência das Escrituras, não podemos nutrir nem por um só momento a ideia de que talvez seja possível viver a vida cristã em sua plenitude ou alcançar a maturidade que agrada a Deus à parte de nossa participação consistente e prática em uma igreja local bíblica. Lá encontraremos encorajamento para continuar, direção no caminho em que devemos andar, correção quando erramos ou nos desviamos, e disciplina quando o nosso coração se endurece e nossos pés vacilam. Se tais práticas não se fazem presentes em sua igreja, então ela simplesmente não é bíblica.

Terceiro, uma vez que é exposto pelo Espírito por meio da Palavra, o pecado deve ser tratado de maneira severa e radical, e sem desculpas ou delongas. Jesus disse aos seus discípulos: “Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno. E, se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não vá todo o teu corpo para o inferno” (Mt 5.29–30). Claro que é uma hipérbole,⁶ mas uma que comunica correta e poderosamente o modo como devemos lidar com o nosso pecado uma vez que é revelado: devemos renunciá-lo sem hesitação, sem reservas e sem justificativas. Devemos condená-lo imediatamente, combatendo-o com a Palavra de Deus e lançando-o para longe com grande desprezo.

Confissão de Pecados⁷

É extremamente importante entender que o arrependimento genuíno não apenas envolve tristeza interior e a decisão de desviar-se do pecado, mas também inclui uma confissão aberta de que a opinião de Deus sobre nós é verdadeira e seu veredito é justo: *nós pecamos!* Em outras palavras, o arrependimento bíblico sempre envolve uma sensação de dívida e culpa por aquilo que cometemos.

Essa verdade vai na contramão da nossa cultura. Damos desculpas e nos justificamos; somos pessoas que nunca estão em falta, mas sempre são vítimas de algum poder maligno e desconhecido, fora de nosso controle. Encontramos ou inventamos os meios mais inteligentes de atribuir nosso pecado a qualquer pessoa ou coisa fora de nós mesmos. Em nossa justiça própria, apontamos o dedo para a sociedade, para a educação, para o passado ou para as circunstâncias, e ficamos frustrados ou mesmo irados diante da menor sugestão de que a culpa é, na verdade, totalmente nossa. No entanto, no momento da conversão, essa opinião distorcida é radicalmente alterada. Pela primeira vez em nossas vidas, apontamos o dedo de culpa para nós mesmos e honestamente assumimos nossos erros. Nossa boca se fecha e nos julgamos responsáveis diante de Deus (Rm 3.19). Não oferecemos desculpas e não procuramos um caminho de escape, mas buscamos a misericórdia divina, que se fez possível por meio do sofrimento vicário de Cristo.

Esse reconhecimento pessoal de culpa — essa atitude de confessar total responsabilidade pelos nossos próprios atos — é acompanhado de uma transparência honesta diante de Deus e sincera confissão de pecados. A palavra “confessar” é traduzida do termo grego *homologéo*, formado pelas palavras *homos*, que significa “mesma”, e *logos*, que significa “palavra”. A palavra sugere a ideia de *falar a mesma coisa* — isto é, confessar-se é concordar verbalmente com Deus que temos pecado e que o nosso pecado é hediondo. Quando genuína, a confissão também é acompanhada pela tristeza, pelo quebrantamento, pela contrição e pelo arrependimento. Quando o Espírito Santo, por meio da Palavra ou da repreensão de outra pessoa, nos diz que estamos em pecado, devemos, em confissão, falar a mesma coisa para Deus. Por exemplo, se temos sido egocêntricos, impacientes, frios, então deveríamos confessar: “O que o Senhor declara sobre mim é verdade. Tenho sido egocêntrico, impaciente e insensível. Por favor, perdoe-me por seu grandioso nome, por amor à expiação do seu Filho”.

Note os três elementos essenciais da confissão bíblica. Primeiro, aquele que confessa não diz simplesmente “Eu pequei”, nem fala sobre o pecado de maneira genérica, mas confessa pecados específicos que foram revelados a ele pelo Espírito Santo de acordo com a infalível Palavra de Deus.⁸ Segundo, a confissão genuína não oferece desculpas, nem tenta transferir a culpa para outro, mas aceita totalmente a responsabilidade pelos pecados cometidos. Terceiro, a esperança de perdão não se baseia nos méritos do crente, angariados por boas ações, mas unicamente no sacrifício vicário de Cristo. O cristão maduro reconhece que sua única base para esperar o perdão de Deus é que “Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1Co 15.3–4).

Há um quarto elemento da confissão de pecados que não está explícito no modelo de oração mencionado acima, mas que deve ser marcado e enfatizado, porque sem sua presença, o arrependimento é sem sentido e inútil. É a fé. Devemos crer nas promessas de Deus; devemos crer que Deus oferece perdão e purificação até mesmo para o maior dos pecadores,

do quebrantado e do contrito. Uma das coisas mais difíceis até mesmo para o cristão mais maduro é compreender a magnitude do perdão de Deus. Quando corretamente entendida, sua graça parece boa demais para ser verdade — e até mesmo errada! E, de fato, seria errada, se não fosse pela cruz de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, que pagou a dívida do pecado e satisfez a justiça e a ira de Deus. À parte de uma visão correta da cruz, estamos sujeitos a, como Pedro, clamar em meio ao nosso pecado, “Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador” (Lc 5.8). Mas basta olharmos com sinceridade para o Calvário, que veremos que uma fonte foi aberta para a purificação do pecado e da imundícia (Zc 13.1). Essa fonte fará o coração contrito clamar com ousadia: “Perdoa, pois, a iniquidade deste povo, segundo a grandeza da tua misericórdia” (Nm 14.19).

Devemos nos agarrar firmemente nas promessas de Deus porque somos suscetíveis a pensar que o Senhor é, de alguma forma, como nós (Sl 50.21), e que sua misericórdia, sua graça e seu perdão têm os mesmos limites e restrições que os nossos. Devemos sempre lembrar que “assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos” (Is 55.9). Talvez nos vangloriemos por estender perdão até sete vezes, mesmo a ponto de nos esquecermos de que as setenta vezes sete da graça de Deus ainda não se exauriram.² Também sofremos de uma compreensão equivocada do perdão de Deus e deixamos de nos valer dele por causa das acusações do Diabo contra nós, que nos conta mentiras acerca do caráter do Senhor, desejando diminuir a eficácia da cruz diante dos nossos olhos e negando a natureza incondicional da graça. Quando o Diabo não consegue minimizar nosso pecado para que não vejamos necessidade de arrependimento, então o inimigo agiganta a nossa iniquidade a fim de nos fazer acreditar que, embora necessário, o perdão já está fora de alcance, pois ultrapassamos as fronteiras da graça divina em direção ao reino do desespero.

Agora, se nem isso consegue alcançar, o Diabo procurará ao menos nos fazer duvidar da bondade de Deus e nos convencer de nos afastarmos do Senhor até que sua ira diminua e consigamos provar a sinceridade de nosso quebrantamento. As mentiras do Diabo são fortes e ainda derrubam santos maiores do que você e eu. O único escudo ou fortaleza contra os

dardos inflamados do Diabo é o ato de agarrar-se às promessas de Deus. Uma boa diretriz para nossa batalha contra Satanás é esta: embora Deus possa expor nosso pecado com uma transparência terrível e com disciplinas dolorosas, ele sempre nos exortará a correr para ele, e não para longe dele. Qualquer voz que envie o pecador para longe de Deus é da carne, do mundo e do Diabo, e não procede de Deus! As Escrituras testemunham que Deus tem prazer no verdadeiro arrependimento:

Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus. (Sl 51.17)

Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e vivificar o coração dos contritos. (Is 57.15)

Porque a minha mão fez todas estas coisas, e todas vieram a existir, diz o Senhor, mas o homem para quem olharei é este: o aflito e abatido de espírito e que treme da minha palavra. (Is 66.2)

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. (Mt 5.4)

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos. (Mt 5.6)

É a bondade de Deus e sua disposição em perdoar que tornam o arrependimento e a confissão de pecados genuínos meios de graça e causa de grande alegria. O crente não deve negligenciar a Palavra ou fechar os ouvidos ao Espírito quando pecados ocultos são expostos. Ao contrário, os filhos de Deus devem se humilhar, reconhecer seus pecados, abandoná-los e correr em direção à sala do trono de Deus, cujas portas foram abertas para sempre pelo sangue de Jesus Cristo. O autor de Hebreus explica e exorta: “Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna” (Hb 4.15–16).

As Evidências da Fé

Antes de avançarmos um pouco mais, é importante notar que a sensibilidade ao pecado, o arrependimento e a confissão de pecados não são meras marcas da maturidade cristã, mas marcas da conversão genuína. Até mesmo novos convertidos manifestam uma disposição interior

totalmente nova e contrária diante do pecado, arrependendo-se de seus pecados e os confessando diante do Senhor. Por outro lado, a falta de arrependimento e de confissão de pecados pode ser evidência de que a pessoa ainda não foi convertida. Quanto a isso, o apóstolo João escreveu: “Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós [isto é, não somos cristãos]. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça [isto é, somos cristãos]. Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós [isto é, não somos cristãos]” (1Jo 1.8-10).[10](#)

Uma das maiores evidências da verdadeira conversão não é a perfeição, como alguns supõem; as maiores evidências são, pelo contrário, sensibilidade ao pecado, renúncia do pecado, confissão aberta do pecado e a alegria do perdão. Por esta razão, os crentes genuínos parecem seres paradoxais aos olhos dos incrédulos. Por um lado, eles podem ser descritos como “os que choram” (Mt 5.4), e por outro, são caracterizados pela “alegria indizível e cheia de glória” (1Pe 1.8).

Conforme crescem no conhecimento do caráter e da vontade de Deus, os crentes começam a ver melhor seu pecado e a falta de conformidade com a Palavra. Essa verdade os quebranta e os faz lamentar sobre o pecado. Dessa maneira, os crentes são chamados de “os que choram”. Ao mesmo tempo, conforme cresce no conhecimento de Deus, o cristão passa a enxergar cada vez mais a misericórdia e a graça na Pessoa e na obra redentora de Cristo. Essa verdade faz o coração regenerado alegrar-se ainda mais no Deus de sua salvação. Assim, a cada ano que passa, o lamento e a alegria do crente aumentam juntos até o final de seus dias, momento em que ele será totalmente quebrantado e, porém, repleto de “alegria indizível e cheia de glória”. Quando questionados acerca dessa mistura de lamento e alegria numa só pessoa, os crentes respondem: “Sou um grande pecador, mas Cristo é um Salvador ainda maior”. Além disso, observe a grande transição. A alegria do crente não mais se encontra nas obras que falham ou no desempenho que oscila, mas na cruz de Cristo e na graça de Deus que flui do Calvário!

A Alegria da Aplicação

Tendo aprendido essas importantes verdades, devemos agora examinar nossa vida e nosso testemunho cristão à luz da Palavra. Estamos crescendo em nosso conhecimento da santidade de Deus e, ao mesmo tempo, nos tornando mais e mais sensíveis ao pecado em nossa própria vida? Reagimos ao nosso pecado com um senso cada vez maior de repugnância e desprezo? Batalhamos contra a iniquidade? O peso do pecado aliado à bondade de Deus nos leva ao arrependimento e à confissão (Rm 2.4)? Se respondemos de maneira afirmativa, há evidência de que Deus operou sua obra salvífica em nós, embora exista a necessidade de perseverar e crescer. Que sempre tenhamos a mentalidade de esquadrihar os nossos caminhos, prová-los e voltarmos para o Senhor (Lm 3.40). Se Deus fosse uma deidade tirânica e odiosa, que condenasse sem misericórdia, então estaríamos certos de fazer tudo ao nosso alcance para esconder nosso pecado ou negá-lo totalmente. Mas nosso Deus é “misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno” (Sl 103.8).

Deus o Pai enviou seu único Filho para pagar por todas as nossas transgressões, desde a primeira até a última. As Escrituras provam que ele “não [tem] prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho e viva” (Ez 33.11). Portanto, desviemo-nos dos nossos maus caminhos e vivamos. As Escrituras declaram que a ira é a “obra estranha”¹¹ de Deus, e que, contudo, ele deseja ser gracioso e do alto espera para demonstrar compaixão (Is 30.18). Assim, sabendo dessas verdades em relação ao caráter de Deus, que jamais entendamos o arrependimento e a confissão de pecados como carrascos que nos conduzem à condenação e à morte, mas como servos de nosso Deus que nos levam ao sangue de Jesus Cristo, sangue este que nos purifica, nos deixa mais alvos que a neve e nos conduz de volta à presença do Senhor.

Perguntas para Reflexão e Recapitulação do Conteúdo

1. Descreva a definição bíblica de arrependimento. Incorpore em sua definição o significado do verbo grego *metanoéo* e a palavra hebraica *nacham*.
2. O pecado é uma grande doença na vida cristã. Explique como o pecado não confessado é um obstáculo à vida do crente.
3. Como o arrependimento genuíno depende de nosso conhecimento das Escrituras?
4. Como o arrependimento genuíno depende de nossa comunhão com outros crentes no contexto da igreja local?
5. Como o cristão deve agir diante do pecado ou lidar com o pecado uma vez que é exposto?
6. Transcreva a definição bíblica da palavra “confissão”. Incorpore em sua definição o significado do verbo grego *homologéo*.
7. Quais são os elementos essenciais da confissão de pecados bíblica?
8. Por que é tão importante crescer no conhecimento das promessas de Deus sobre o perdão e agarrar-se fervorosamente a tudo que o Senhor prometeu?
9. Por que a descoberta do pecado deve fazer o cristão correr para Deus em esperança, e não para longe dele em pavor?
10. Por que o Diabo procura fazer o povo de Deus duvidar do perdão de Deus? O que podemos fazer para resisti-lo?
11. Qual é a disposição de Deus diante do crente que está com o coração quebrantado por causa de seu pecado e buscando perdão? Quais são

algumas das passagens bíblicas mais importantes a esse respeito?

12. Explique como o cristão pode ser considerado alguém triste e alegre ao mesmo tempo.
13. Explique como o arrependimento e a confissão de pecados são um dom de Deus, um meio de graça que leva à restauração, à paz e à alegria.
14. Explique a seguinte frase: “Por causa do caráter gracioso de Deus, jamais devemos ver o arrependimento e a confissão de pecados como carrascos que nos levam à condenação e à morte, mas como servos de nosso Deus, que nos levam ao sangue de Cristo, sangue este que nos deixa alvos como a neve e nos leva de volta à presença do Senhor”.

5

A IGREJA

Tendo brevemente definido e confirmado as Escrituras e a oração como meios de graça, agora analisaremos a igreja, sua comunhão e suas ordenanças. De início, é necessário que definamos nossos termos para garantir que estamos em sintonia. Neste capítulo, o termo “igreja” é usado para descrever o corpo local visível de crentes, comprometidos uns com os outros, pastoreados por líderes que sejam homens qualificados,¹ servidos por diáconos bíblicamente capacitados,² devotos à exposição bíblica e à oração, mantendo as ordenanças e praticando a disciplina eclesiástica bíblica. A igreja local não é sinônimo de um estudo bíblico semanal, de um movimento paraeclesiástico, ou de ouvir alguns pregadores favoritos na internet. Essa distinção é importante porque muitos acreditam que estão obedecendo ao mandamento de congregar enquanto participam de comunhões informais que, embora possam ser úteis, não substituem a ordem inegociável de Deus, que é congregar em uma igreja local bíblica.

É árduo o caminho para tornar-se mais maduro na fé e ser mais útil no reino. No entanto, o que era difícil se torna praticamente impossível quando procuramos crescer e perseverar na fé à parte do contexto de uma igreja local visível e fora de um relacionamento verdadeiro com pastores e mestres que ensinam, pastoreiam e lideram. Por esta razão, não é meramente útil, mas absolutamente essencial que desenvolvamos nossa salvação no contexto de uma igreja local cujos líderes saibam nosso nome e cuidem de nossa alma. Por este motivo, o autor de Hebreus adverte: “Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel. Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras. Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima” (Hb 10.23–25).

Atualmente, temos motivo para lamentar a falta de igrejas bíblicas como já descritas — pastoreadas por líderes qualificados que mantêm as ordenanças bíblicas, praticam a disciplina eclesiástica e, amparados por diáconos bíblicamente capacitados, pastoreiam um rebanho sedento pela exposição bíblica e pela oração. No entanto, devemos também cuidar para que não nos tornemos juízes e tiranos, exigindo que a igreja seja corporativamente perfeita, enquanto nós permanecemos individualmente imperfeitos. Mesmo o vislumbre momentâneo de nós mesmos no espelho da Palavra de Deus revelará uma longa série de imperfeições e uma lista enorme de coisas a fazer. Por esta razão e muitas outras, tomemos cuidado para que não exijamos da igreja aquilo que nós mesmos não fazemos em nossa própria vida. Não cabe a nós exigir uma igreja perfeita; ao contrário, é fundamental que procuremos uma congregação cujos líderes e membresia estejam crescendo no conhecimento das diretrizes de Deus e andando em direção ao alvo da Palavra.

Pastores Qualificados para a Liderança

Um dos principais meios de graça que Deus nos deu é o ministério de fiéis e humildes arautos do evangelho, que carregam as qualificações bíblicas de pastores ou presbíteros³ e se entregam à oração e ao ministério da Palavra (At 6.2, 4). Essa verdade é demonstrada com maravilhosa clareza na carta do apóstolo Paulo à igreja de Éfeso: “E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4.11–13). Esse texto prova, sem dúvida alguma, que é o próprio Cristo que dá ministros fiéis à igreja, para sua edificação. Negligenciaremos ou até mesmo desprezaremos esses dons? Desprezaremos o seu significado? Agiremos como se não precisássemos do próprio remédio que Cristo prescreveu?

O crente sincero mas sob a instrução errada poderia responder às perguntas acima dizendo: “Mas não temos ministros qualificados e fiéis ao seu chamado como prescrito pelas Escrituras”. A resposta a essa

objeção é dupla. Primeiro, dizer que não há ministros fiéis de Cristo na terra não é tanto criticar os ministros quanto é negar a soberania e o poder de Cristo! Esta é a igreja do Senhor Jesus Cristo e ele é a sua rocha e fortaleza. É verdade que há muitos charlatões e usurpadores, mas Cristo sempre terá os seus “sete mil, todos os joelhos que não se dobraram a Baal” (Rm 11.4; 1Re 19.18). Segundo, devemos perceber que até mesmo o melhor dos homens nunca chegará à perfeição de Cristo enquanto deste lado da eternidade. Portanto, mesmo que possamos esperar que os líderes satisfaçam as qualificações bíblicas de seu ofício e que executem seu dever com fidelidade, não devemos exigir de qualquer homem mais do que é prescrito nas Escrituras. Até mesmo o grande apóstolo Paulo escreveu sobre si mesmo: “Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Fp 3.12–14).

Tendo apresentado os cuidados acima para o leitor leigo, deixe-me dar a seguinte instrução e advertência aos ministros. Todos os ministros são chamados à fidelidade bíblica e todos serão julgados de acordo com essa realidade. Não devemos tomar a capa do ministério sobre nós mesmos ou permitir que outros nos recrutem para o ministério a menos que, de boa consciência, satisfaçamos as qualificações descritas nas Escrituras⁴ e a não ser que uma congregação madura seja capaz de confirmar essas qualificações em nosso caráter e comportamento. Essas qualidades não são opcionais ou algo a ser “acrescentado” posteriormente, mas são exigências inegociáveis. Além do mais, devemos reconhecer que nossos ministérios são definidos e limitados por aquilo que está escrito nas Escrituras. Não temos a liberdade de ditar nosso próprio ritmo ou itinerário. Devemos estar totalmente convencidos de que as exigências e os deveres do ministério estão claramente revelados nas Escrituras, e de que somos chamados à submissão sincera e reverente. A capa do ministério é um privilégio, mas também uma enorme responsabilidade. Se de fato somos ministros de Cristo, que as seguintes advertências encontrem morada no

mais profundo do nosso coração e da nossa mente, até mesmo no tutano de nossos ossos:

Contudo, se o que alguém edifica sobre o fundamento é ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, manifesta se tornará a obra de cada um; pois o Dia a demonstrará, porque está sendo revelada pelo fogo; e qual seja a obra de cada um o próprio fogo o provará. Se permanecer a obra de alguém que sobre o fundamento edificou, esse receberá galardão; se a obra de alguém se queimar, sofrerá ele dano; mas esse mesmo será salvo, todavia, como que através do fogo. (1Co 3.12–15)

É por isso que também nos esforçamos, quer presentes, quer ausentes, para lhe sermos agradáveis. Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo. (2Co 5.9–10)

Meus irmãos, não vos torneis, muitos de vós, mestres, sabendo que havemos de receber maior juízo. (Tg 3.1)

Não importa quão maduro o cristão acredite ser ou quantos anos ele tenha de conversão, todo crente precisa estar sob o ensino e sob o pastoreio de líderes piedosos e humildes. Essa não é meramente minha opinião em relação a alguma estratégia opcional de ministério, mas é o plano de Cristo para sua igreja. Você e eu não precisamos de oradores eloquentes, personalidades poderosas, pregadores famosos, estrelas da *internet*, ditadores espirituais ou homens gananciosos que se alimentam do rebanho de Cristo. Precisamos, pelo contrário, de bons pastores que dão sua vida pelas ovelhas,⁵ precisamos de mordomos fiéis e sensíveis que dão ao povo de Deus o alimento correto.⁶

Comunhão dos Santos

Outro meio de graça no contexto da igreja local é o ministério dos santos. A carta de Paulo aos Efésios deixa claro que os ministros não foram dados à igreja para desempenharem todas as funções, mas “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (Ef 4.12). O Espírito Santo proveu dons especiais a todo membro da igreja local, para que cada um possa contribuir no ministério das congregações. Logo, isso também prova que cada membro da igreja precisa do restante do corpo. Não há “lobos solitários” no cristianismo bíblicamente maduro. Na verdade, Hebreus

10.23–25 nos adverte a não nos esquecermos de congregar-nos porque grande é a necessidade de sermos estimulados e encorajados pelos outros membros da congregação. Esse é um tema constante por todo o Novo Testamento. Aqui está um breve exemplo:

Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos. A manifestação do Espírito é concedida a cada um visando a um fim proveitoso. (1Co 12.4–7)

Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus. (1Pe 4.10)

Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração. (Cl 3.16)

Queridos irmãos e queridas irmãs, jamais conseguiremos superestimar nossa necessidade de congregar em uma igreja local. É no contexto da igreja local que somos chamados a dar e receber, visando a edificação de todos. Nem mesmo o apóstolo Paulo deixou de precisar desse maravilhoso meio de graça. Ele escreveu para a igreja em Roma: “Porque muito desejo ver-vos, a fim de repartir convosco algum dom espiritual, para que sejais confirmados, isto é, para que, em vossa companhia, reciprocamente nos confortemos por intermédio da fé mútua, vossa e minha” (Rm 1.11–12).

As Ordenanças

Na igreja do Novo Testamento há duas ordenanças: o Batismo e a Ceia do Senhor. Ao longo da história, muitos evangélicos têm preferido usar o termo “ordenança” em vez de “sacramento”, para evitar qualquer possibilidade de, por um termo, comunicar a doutrina errônea de que a salvação é de alguma forma conferida por meio do Batismo e da Ceia do Senhor. A doutrina da regeneração batismal e a crença de que Cristo está corporalmente presente no pão e no vinho são erros graves. A Ceia do Senhor é um memorial da morte e da ressurreição de Cristo e deve ser praticada em memória dele e como proclamação, sinal e selo de sua obra redentora em favor da igreja (1Co 11.23-26). O Batismo é a confissão pública da fé em Cristo e uma identificação pública com sua pessoa, seu evangelho e seu povo. Embora devamos negar mesmo a menor inclinação

a crer que o Batismo e a Ceia do Senhor são meios de obter a graça salvadora, devemos também promover seu grande significado e utilidade como meios de graça para a santificação de uma maneira semelhante à leitura e pregação das Escrituras e à oração congregacional. Em ambas as ordenanças, Cristo é proclamado e também se faz presente no meio do seu povo. Depois da exposição sobre disciplina eclesiástica, Cristo declarou, “Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles” (Mt 18.20).

Se essa promessa é aplicável à igreja quando está reunida para pronunciar disciplina sobre um membro impenitente, quanto mais à reunião da igreja local para o Batismo e a Ceia do Senhor!

Difícilmente conseguiríamos exagerar a importância das ordenanças do Batismo e da Ceia do Senhor. No entanto, quando a igreja evangélica corretamente passou a evitar o retrato dessas ordenanças como meios de salvação, também começou a retratá-las indevidamente, diminuindo seu significado, sua dignidade e não lhes prestando a devida reverência. Os líderes devem não apenas ensinar sobre a visão bíblica dessas duas ordenanças, mas também comunicar à congregação sua importância e instruir o crente a preparar o coração e a mente para recebê-las.

Disciplina Eclesiástica

Na cabeça de muitos, a mera menção de disciplina eclesiástica evoca imagens de legalismo, farisaísmo, hipocrisia, falta de amor e crueldade. Geralmente, quem pensa assim gosta de rebater essa realidade bíblica com passagens tiradas de contexto: “Não julgueis, para que não sejais julgados” (Mt 7.1) ou “Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra” (Jo 8.7). Essas opiniões negativas e pretensas refutações podem ter origem em três fontes distintas: exemplos passados nos quais a disciplina eclesiástica foi praticada de maneira antibíblica; profunda ignorância das Escrituras; opiniões antibíblicas, carnis e mundanas em relação ao que significa verdadeiramente amar e demonstrar preocupação espiritual pelo próximo.

Jamais nos esqueçamos de que Jesus ordenou que congregações locais pratiquem a disciplina eclesiástica (Mt 18.15–17). Embora a disciplina eclesiástica fora dos parâmetros bíblicos deva ser fortemente rejeitada e repreendida, não podemos jogar o bebê fora com a água da banheira. A disciplina foi ordenada pelo Senhor de amor como meio de proteger, purificar e amadurecer sua igreja. Rejeitar a prática da disciplina eclesiástica ou aceitá-la na teoria mas a negligenciar na prática é rejeitar o próprio Senhor e seu soberano reino sobre a igreja. Além do mais, esse desvio resultará em perigo incalculável para a congregação e atrapalhará o seu progresso em direção à maturidade.

Tendo afirmado a validade da disciplina eclesiástica, perguntemos como ela fomenta a maturidade espiritual na congregação. Para começar, devemos primeiramente entender que a disciplina eclesiástica começa muito antes de qualquer decisão de expulsar um membro comungante. A disciplina eclesiástica começa com o recebimento de novos membros e com a devida diligência para assegurar que eles verdadeiramente entendem o evangelho e têm uma boa esperança de que se converteram. Em segundo lugar, a disciplina eclesiástica também se manifesta na exposição diligente das Escrituras e no pastoreio pessoal da congregação. Terceiro, quando um membro de fato cai em pecado, o primeiro passo da disciplina envolve instrução particular e correção. Se não houver sinal de arrependimento, então um ou dois cristãos maduros (de preferência mais velhos) devem participar da exortação para discernir a questão e oferecer conselho. Finalmente, se ainda não houver arrependimento, a questão é trazida perante a igreja (Mt 18.15–17). Apenas em último caso é que o membro é excomungado. Mas, apesar de tudo isso, se o membro que caiu vier a se arrepender, ele será recebido de volta à congregação com amor e perdão.⁷

Trazendo este capítulo a uma conclusão adequada, devemos reiterar que a membresia verdadeira e ativa em uma igreja local é absolutamente essencial para o crescimento do cristão em maturidade espiritual. Deus nos deu a congregação local e seus pastores e presbíteros para que nos ajudem nesta jornada que costuma ser longa e difícil. Como é evidente nas Escrituras, esta jornada é perigosa e não pode ser trilhada sozinha. O dever de todo crente é submeter-se à vontade de Deus e tornar-se membro ativo

de uma igreja local, buscando a Cristo com sinceridade e obedecendo aos seus mandamentos revelados nas Escrituras.

Perguntas para Reflexão e Recapitulação do Conteúdo

1. Como a “igreja” é definida neste capítulo? Por que é importante definir a igreja dessa forma?
2. Explique o seguinte trecho: “Tomemos cuidado para que não exijamos da igreja aquilo que nós mesmos não fazemos em nossa própria vida. Não cabe a nós exigir uma igreja perfeita; ao contrário, é fundamental que procuremos uma congregação cujos líderes e membresia estejam crescendo no conhecimento das diretrizes de Deus e andando em direção ao alvo da Palavra”.
3. Explique a seguinte afirmação: “Um dos principais meios de graça que Deus nos deu é o ministério de fiéis e humildes arautos do evangelho, que carregam as qualificações bíblicas de pastores ou presbíteros e se entregam à oração e ao ministério da Palavra”.
4. Por que é importante reconhecer que as qualificações estabelecidas em 1Timóteo 3.1–7 e Tito 1.6–9 não são opções ou algo para “desenvolver” após a ordenação ao ministério, mas exigências inegociáveis?
5. Explique a seguinte afirmação: “Você e eu não precisamos de oradores eloquentes, personalidades poderosas, pregadores famosos, estrelas da *internet*, ditadores espirituais ou homens gananciosos que se alimentam do rebanho de Cristo. Precisamos, pelo contrário, de bons pastores que dão sua vida pelas ovelhas,⁸ precisamos de mordomos fiéis e sensíveis que dão ao povo de Deus o alimento correto”.

6. À luz de Efésios 4.12 e de Colossenses 3.16, explique como a comunhão dos santos na igreja local é um meio de graça.
7. Explique o significado dessa afirmação: “Não há ‘lobos solitários’ em um cristianismo bíblicamente maduro”.
8. Explique o significado e o propósito do Batismo e da Ceia do Senhor. Como essas ordenanças podem ser corretamente chamadas de meios de graça?
9. Explique a seguinte afirmação: “Embora devamos negar mesmo a menor inclinação a crer que o Batismo e a Ceia do Senhor são meios de obter a graça salvadora, devemos também promover seu grande significado e utilidade como meios de graça para a santificação”.
10. Quem é o autor da disciplina eclesiástica? Como essa verdade prova que a disciplina eclesiástica é um meio de graça bíblico pelo qual o povo de Deus pode ser protegido, corrigido e edificado? Como essa verdade prova que a disciplina bíblica é uma manifestação genuína de amor pelo membro ofensivo e não arrependido?

6

EM DEFESA DA SIMPLICIDADE

Chegamos ao final deste pequeno livro que introduz os meios de graça para o nosso crescimento em santificação — o estudo contínuo das Escrituras, a oração, o arrependimento, a confissão de pecados e o ministério da igreja local. No entanto, antes de concluirmos, devo lidar com a frequente objeção de que o meu conteúdo é simplista demais, uma vez que as fraquezas e as doenças dos cristãos são variadas e complexas demais para serem curadas ou superadas por um simples remédio. A essa objeção ofereço três comentários.

Primeiro, as dificuldades comuns na vida cristã,¹ embora complexas, fluem de apenas algumas fontes — a carne, o mundo e o Diabo. Embora sejamos novas criaturas em Cristo e nossa identidade não mais seja determinada por nossa ligação natural com Adão (2Co 5.17), ainda permanece dentro de cada crente um resquício de humanidade caída, ou carne, que cobiça e batalha contra o Espírito. Para a igreja na Galácia, Paulo escreve, “Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer. Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a lei” (Gl 5.17–18).

Sem dúvida, a maior batalha do crente é contra a carne, porque mesmo o mundo e o Diabo são capazes somente de arrastar, influenciar e tentar por causa dos desejos da carne. Como Tiago escreve, “Ao contrário, cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz” (Tg 1.14). Portanto, vencer a carne e seus desejos é vencer a batalha. E essa batalha espiritual é vencida de maneira mais eficaz utilizando os meios de graça que expomos — o estudo constante da Escritura, a oração e o ministério da igreja local.

Segundo, embora eu possa ter oferecido uma solução simples e o fortalecido com apenas algumas armas para lutar nesta guerra, as Escrituras validam o que eu ofereci nesta obra. É sua escolha se você quiser obter remédio de outro médico ou armas de outro arsenal. No entanto, os pensamentos e estratégias dos homens são vaidade e a carne nada aproveita (Jo 6.63). Somente as armas que nos são dadas nas Escrituras são úteis e proveitosas, “Porque as armas da nossa milícia não são carnis, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas, anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo” (2Co 10.4–5).

Terceiro, percebo que aqueles que duvidam do poder dos meios de graça frequentemente negligenciam seu uso e seu proveito. Com o risco de ser redundante, devo voltar às perguntas que fiz ao longo deste livro. Realmente já aprendemos tudo o que as Escrituras têm a ensinar? Já esgotamos todas as promessas de Deus em oração? Nossa intimidade com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo já chegou ao seu ápice? Já colhemos todos os benefícios a serem extraídos da comunhão com uma igreja local? Ou não é mais provável que sejamos negligentes ou, no mínimo, descuidados, até mesmo ociosos, diante desses meios de graça ordinários, mas essenciais? Quando alguém desconfia da eficácia dos meios de graça que expus neste livro, pergunto à pessoa quanto tempo ela passa estudando a Palavra, orando ao Senhor e em comunhão com a liderança e a membresia de uma igreja local bíblica. A maioria curva a cabeça, encolhe os ombros e admite sua negligência. Ainda não encontrei uma alma tão descarada a ponto de afirmar que exauriu todos os meios de graça e, ainda assim, não teve resultados.

Queridos irmãos e queridas irmãs, oremos por avivamento, com fé e insistência. E enquanto não o experimentamos, sejamos fiéis a esses meios de graça ordinários, pois é por meio deles que somos conformados à imagem de Jesus Cristo e capacitados ao serviço do Senhor.

Seu irmão,
Paul David Washer

NOTAS

Capítulo 1

1. “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.” (Mt 28.19–20)
2. Então, os que lhe aceitaram a palavra foram batizados, havendo um acréscimo naquele dia de quase três mil pessoas. E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações [...] Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos.” (At 2.41–42, 46–47).
3. “Assim diz o Senhor: Ponde-vos à margem no caminho e vede, perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho; andai por ele e achareis descanso para a vossa alma.” (Jr 6.16)

Capítulo 2

1. Confissão de Fé Batista de 1689, 1.1. Cf. Confissão de Fé de Westminster 1.1.
2. Bíblia de Estudo Herança Reformada (Cultura Cristã); Bíblia de Estudo da Reforma (R. C. Sproul); ESV Study Bible (Wheaton, Ill.: Crossway, 2011); Bíblia de Estudos MacArthur (SBB).
3. R. M. M’Cheyne (1813–1843) foi ministro da Igreja de St. Peter, Dundee, Escócia. Ele desenvolveu um plano de leitura que guia o crente pelo Antigo Testamento uma vez e pelo Novo Testamento e pelos Salmos duas vezes por ano. Disponível em formato impresso e online.
4. O dom da profecia cessou. No entanto, a admoestação continua relevante para a igreja de hoje. As palavras dos profetas estão permanentemente registradas nas palavras inerrantes das Escrituras. Não podemos desprezar a exposição e a aplicação precisa dessas palavras proféticas mesmo quando estas nos expõem, repreendem, corrigem e admoestam. Examinemos cada palavra dita à luz das Escrituras para garantir nossa edificação (veja 1Ts 5.20–21).
5. Comentários de João Calvino em Tito 1.2, 21.283.
6. A palavra “didático” é derivada do verbo grego didaskein, que significa “ensinar”. Louvores didáticos são também instrutivos, informativos e educativos. Louvores comunicam a verdade bíblica. Paulo, escrevendo aos Colossenses, prova que cânticos e louvores devem ser didáticos: “Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos

mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração” (Cl 3.16).

7. “E que, desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus.” (2Tm 3.15)
8. “Pela fé, Moisés, quando já homem feito, recusou ser chamado filho da filha de Faraó, preferindo ser maltratado junto com o povo de Deus a usufruir prazeres transitórios do pecado; porquanto considerou o opróbrio de Cristo por maiores riquezas do que os tesouros do Egito, porque contemplava o galardão. Pela fé, ele abandonou o Egito, não ficando amedrontado com a cólera do rei; antes, permaneceu firme como quem vê aquele que é invisível.” (Hb 11.24–27)
9. “Mais preciosa é do que pérolas, e tudo o que podes desejar não é comparável a ela.” (Pv 3.15)

Capítulo 3

1. Em 1Timóteo 2.5, o apóstolo Paulo se refere ao Filho de Deus como “Jesus Cristo homem”. Em 1Coríntios 11.1, ele escreve “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo”.
2. 1Coríntios 2.12; 1João 2.20, 27; Efésios 1.15–19.
3. Efésios 3.14–16; Colossenses 1.29.
4. Lucas 19.46; Isaías 56.7.
5. 1Coríntios 3.16–17, 6.19; 2Coríntios 6.16; Efésios 2.21.

Capítulo 4

1. R. Laird Harris, Gleason L. Archer, Jr., Bruce K. Waltke. *Theological Workbook of the Old Testament* (Chicago: Moody, 1980), 2:570.
2. O livro *The Calvary Road*, de Roy Hession (Fort Washington, Pa.: Christian Literature Crusade, 1990) é uma obra maravilhosa que trata do arrependimento bíblico que leva à vida, à alegria e à santificação.
3. “Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças, como trapo da imundícia” (Is 64.6). “Poluíste a terra com as tuas devassidões e com a tua malícia” (Jr 3.2).
4. “Replicou-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: todo o que comete pecado é escravo do pecado” (Jo 8.34). “Não sabeis que daquele a quem vos ofereceis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedecéis sois servos, seja do pecado para a morte ou da obediência para a justiça?” (Rm 6.16).
5. “Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte” (Tg 1.15).
6. Hipérbole: afirmação exagerada que não deve ser tomada literalmente, mas que tem a intenção de enfatizar a importância da verdade comunicada.

7. Alguns trechos desse capítulo foram adaptados de Paul Washer, *O Chamado ao Evangelho e a Verdadeira Conversão* (Editora FIEL).
8. É importante notar que a obra do Espírito Santo de convencer interiormente sempre estará de acordo com a sã doutrina da Palavra escrita.
9. “Então, Pedro, aproximando-se, lhe perguntou: Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete” (Mt 18.21–22).
10. As palavras entre colchetes são minhas.
11. “Porque o Senhor se levantará, como no monte Perazim, e se irará, como no vale de Gibeão, para realizar a sua obra, a sua obra estranha, e para executar o seu ato, o seu ato inaudito” (Is 28.21).

Capítulo 5

1. 1Timóteo 3.1–7; Tito 1.5–9.
2. 1Timóteo 3.8–13.
3. 1Timóteo 3:1–7; Tito 1.6–9.
4. 1Timóteo 3.1–7; Tito 1.6–9.
5. “Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas.” (Jo 10.11)
6. “Disse o Senhor: Quem é, pois, o mordomo fiel e prudente, a quem o senhor confiará os seus conservos para dar-lhes o sustento a seu tempo?” (Lc 12.42)
7. Alguns textos-chave para a disciplina eclesiástica encontram-se em Mateus 18.15–20; 1Coríntios 5.1–6.11; 2Coríntios 2.1–11; Romanos 16.17; Gálatas 6.1; 2Tessalonicenses 3.6; Tito 3.10; Judas 22–23.
8. “Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas.” (Jo 10.11)

Capítulo 6

1. Aqui desejo deixar claro que estou me referindo às dificuldades ou obstáculos típicos à santificação, comuns a todos os crentes. Não me refiro a casos extraordinários de pessoas que sofrem de desordens mentais ou emocionais extremas, etc. Embora pessoas com problemas desse tipo se beneficiem imensamente dos meios de graça “comuns”, talvez também precisem de ajuda profissional, como médicos, conselheiros bíblicos, etc.